

Pesquisadores discutem a biogenética

Os pesquisadores locais que participaram nesta semana das discussões sobre a celebração do convênio entre Brasil e Japão para a exploração de recursos biogenéticos da região amazônica preferiram não antecipar conclusões sobre o projeto. No debate com membros do Ministério da Indústria e Comércio Internacional do Japão, realizado no auditório do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) eles demonstraram preocupação quanto a forma em que se dará essa negociação, mas se incontinentemente de opinar alegando que "ainda é cedo para falar em um primeiro debate". As principais preocupações estão centradas nível de participação econômica do País nessa área e a questão das patentes.

Segundo o diretor interino do Inpa, Wanderli Pedro Tadei, o projeto vem sendo discutido em nível dos ministérios do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis e da Ciência e Tecnologia, envolvendo o instituto e as universidades do Amazonas e de São Paulo.

Tadei disse que não se trata de instalar um instituto um laboratório aqui, mas sim de realizar estudos que deverão ser direcionados pelo Laboratório de Fitoquímica do Inpa, que irá estabelecer os convênios para desenvolvimento dos trabalhos em conjunto com a missão japonesa.

A comitiva veio pela primeira vez a Manaus, liderada pelo diretor do Ministério da Indústria e Comércio Internacional do Japão, Kaname

A. John Anjo, responsável em instalar o que ele chamou de "projeto modelo". Nessa primeira visita, Anjo disse que só após conhecer o instituto poderia emitir opinião. Nesse projeto de pesquisa, segundo o diretor do Inpa, o laboratório receberá recursos e material para implementar a coordenação das pesquisas na áreas de fitoquímica e na pesquisa molecular.

A questão da patente também será discutida dentro desse projeto que, segundo o diretor do Inpa, está em fase de negociação.

Como primeira missão, Anjo não quis antecipar o valor do investimento no projeto. Segundo disse, "são detalhes a serem discutidos por especialistas". Falou, no entan-

to, do interesse do Japão em investir na exploração desses recursos, destacando que estudos nesse sentido foram iniciados durante a reunião Internacional do Meio Ambiente em 1992 (a Rio/92) realizada naquela mesmo ano, no Rio de Janeiro. "De lá para cá foram firmados vários acordos com o Brasil e em termos de biotecnologia, essa é a primeira vez que estamos analisando propostas", observa. Anjo destacou que esse convênio já passou por etapas de conversação. A primeira com o a ida do presidente Fernando Henrique Cardoso ao Japão, em março do ano passado e em agosto, com a visita do primeiro-ministro japonês ao Brasil, Ryutaro Hashimoto.

Patente preocupa os especialistas

A pesquisadora Vera Fonseca Almeida, especialista em biologia aquática, disse que há muito por fazer nessa discussão. "A parte principal é estabelecer como ficará, depois, a industrialização dos produtos nos quais forem detectados os princípios ativos que possam a vir ser comercializados. O Brasil tem que ter patente desse material e explorá-lo economicamente e de forma que não seja lesado. Tem que haver um retorno", ressalta.

Uma das preocupações da professora, levantada no debate com os japoneses, por outro colega, o pesquisador Alton Teixeira, diz respeito ao verdadeiro potencial do Inpa para corresponder ao projeto, dentro de uma sistemática de industrialização. "O Inpa é eminentemente acadêmico e não desenvolve pesquisas biotecnológicas. O que se tem de biotecnologia mais desenvolvido no Inpa está na área de madeira e a parte de fitoquímica se encontra com muito pouco pesquisadores", alerta Vera.

Vera defende uma disposição governamental de melhorar a estrutura do Inpa, com contratação de pessoal para o instituto. "Desse forma acho que a cooperação com o Japão se dará de forma mais equilibrada".

A essa questão os japoneses disseram que tinham conhecimento superficial sobre os trabalhos do Inpa, mas prefeririam responder à pergunta após conhecer melhor o ambiente do instituto.

O pesquisador Rogério Gridel avaliou que, a princípio, o convênio com o Japão na área biotecnológica, é interessante, mas acha que muita coisa ainda falta ser definida. "Por estarmos numa região de altíssima biodiversidade temos a expectativa de não só identificarmos esse material, coletarmos e catalogarmos mais também precessá-lo e conhecermos também o know how de como utilizar essa riqueza natural. Assim, creio que a colaboração com o Japão pode ser de grande importância para o movimento científico nessa área".

A cultura
18/3/97